

**Câmera instalada na região central de Campinas: aparato tecnológico é produzido por indústria que está de olho em mercados emergentes**



**A pesquisadora Marta Kanashiro: "É importante analisar as relações de poder provocadas ou vinculadas a essas tecnologias"**



# Sorria?

## Livro discute o papel da tecnologia da informação e da comunicação na sociedade

MARIA ALICE DA CRUZ  
halice@unicamp.br

Se moderno pode ter um preço, e nem sempre o valor da privacidade entra no orçamento. Qual seria o preço da privacidade monitorada diante da visibilidade promovida pelas novas tecnologias da informação e da comunicação? Talvez o GPS conduza a esta resposta, ou ela possa ser dada no Facebook, ou no Orkut, ou quem sabe uma rede social considere comportamento abusivo respondê-la, já que, em alguns países, como o Brasil, ela chega silenciosa, sem reflexão, sem contra-argumentação. Ser contrário? Não é a decisão acertada, na opinião da pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) Marta Kanashiro, pois esses produtos já fazem parte da rotina de uma geração que desconhece os diversos sentidos de privacidade no decorrer da história e não se questiona sobre seu significado hoje. Mas a implementação de novas tecnologias, quaisquer que sejam, na sociedade deveria obedecer a alguns critérios e permear-se por um debate mais amplo. Em especial, nos países latino-americanos, a discussão é praticamente ausente, até porque, segundo a cientista social, os estudos sobre tecnologias de monitoramento são muito recentes na região. Alguns desses estudos compõem o livro *Vigilância e Visibilidade: espaço, tecnologia e identificação*, organizado por Marta, Fernanda Bruno, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Rodrigo Firmino, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Lançado pela Editora Sulina, o livro traz fotografias da polícia política brasileira, as imagens registradas em tempo real no atentado de 11 de setembro, em Nova York, o projeto de biometria (documento único) para 190 milhões de cidadãos brasileiros, temas como exclusão pela identificação, estéticas de vigilância, vítimas virtuais, localização de endereços, cibercultura, espaço monitorado etc. Na opinião dos organizadores, estes

itens estão entre os temas que precisam de estudos aprofundados por parte das ciências humanas. Os autores partem de diferentes áreas do conhecimento para compor as três partes do livro: a experiência e a reordenação do espaço, as relações entre visibilidade e vigilância nas tecnologias de comunicação e na produção audiovisual e os dispositivos de identificação no Brasil.

Diante dessa entrada massiva de tais tecnologias na cultura latino-americana, em especial a brasileira, a sociologia, por exemplo, lança um olhar para esta nova realidade. Mas os estudos são muito incipientes, diferentemente do que acontece na Europa e na América do Norte. Preocupados em cobrir essa lacuna, os organizadores do livro criaram uma rede de pesquisas latino-americanas sobre vigilância e visibilidade. Alguns dos estudiosos participantes da rede estão presentes no livro editado pela Sulina. A proposta da obra é a análise das mudanças sociais e das relações entre as pessoas diante do consumo desses aparatos tecnológicos. "É importante analisar as relações de poder provocadas ou vinculadas a essas tecnologias", acrescenta Marta.

O livro marca o início da literatura sobre o tema no Brasil, onde ainda há pouca produção nacional e não há muitas traduções de autores que tratam das tecnologias de monitoramento em outros países. "A ideia de publicar o livro e consolidar a rede de pesquisa partiu do desejo de reunir estudos que até então estavam isolados", diz Marta. A maior parte das pesquisas encontradas na literatura data de 2001 em diante.

A rede, hoje formada por pesquisadores de diversos países, já possibilitou a realização de dois simpósios: um em Curitiba, Brasil, em 2009, e outro em Toluca, no México, em 2010. Para março do próximo ano, está prevista a terceira edição do evento, em Córdoba, Argentina. No momento, os pesquisadores tentam identificar pesquisas e produções artísticas que trabalhem com tecnologias de monitoramento.

### Novos estudos

Até existem estudos sobre tecnologias de monitoramento, mas dentro das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). A sociologia da tecnologia vem se consolidando aos poucos e a rede iniciada pelos autores é uma das iniciativas voltadas para a organização de artigos. Entre as áreas que começaram a se preocupar com as mudanças estimuladas pelas novas tecnologias, a de comunicação foi a que mais se mobilizou até o momento, principalmente porque essas tecnologias estão relacionadas com as TICs,

que permitem o monitoramento através do celular, da internet e de outros equipamentos eletrônicos de comunicação. As ciências sociais começaram a se preocupar mais com o assunto nos últimos anos, e as áreas de direito, arquitetura e urbanismo e geografia também, mas em menor escala. Todas essas áreas estão contempladas no livro.

Segundo Marta, a abordagem das ciências sociais sobre o tema pode ser encontrada em parte nos anais de eventos como as reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs) e da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). A pesquisadora também cita os estudos do grupo Conhecimento, Tecnologia e Mercado (CTeMe), do IFCH (Unicamp), coordenado pelo sociólogo Laymert Garcia dos Santos, que vem se debruçando sobre tais assuntos desde 2003. Compreender as novas tecnologias do ponto de vista das ciências humanas é uma demanda mais comum entre jovens pesquisadores. "Os alunos que chegam agora à universidade querem cada vez mais entender a criação de blogs, as redes sociais como Facebook e Orkut, as possibilidades de monitoramento por câmeras ou celulares e todas as novas tecnologias. E isso vale para várias tecnologias recentes, até para a reprodução assistida, a transgenia e outras que estão estourando em nosso cotidiano, invadindo nossos jornais. As ciências humanas precisam se voltar para esses temas", destaca Marta. Outro grupo de pesquisa que se volta para esses assuntos é o CiberIdeia, coordenado por Fernanda Bruno, uma das autoras e organizadoras do livro. O grupo tem intensificado pesquisas com enfoque nos estudos de comunicação sobre essas tecnologias.

Não é possível ainda falar de um trabalho multidisciplinar, pois quando se está tratando de tecnologia, surgem vários temas isolados. "O que acho é que existem interesses de diferentes áreas que estão se aproximando, porque como é muito recente não tem a constituição de uma área verdadeiramente multidisciplinar. Mas existem vários interesses que são dessas áreas, sociologia, antropologia, comunicação, direito, arquitetura e urbanismo", acrescenta Marta.

### Percepção

As pesquisas mostram as mudanças na percepção com relação ao ambiente e na forma de pensar do indivíduo que vai se modificando. "O que é privacidade? Como fica aquela criança que é criada dentro de um condomínio, permanentemente vigiada, que sai daquele condomínio e vai para um shopping permanentemente vigiado e sai dali, fica na internet o

tempo todo – que é uma tecnologia de monitoramento – e está ali com o celular. Como é a constituição dessa personalidade? Como se dá a relação com os pais, as escolas", provoca Marta. Para ela, a constituição individual vai se modificando. O que os autores também almejam é saber como acontece esse cerceamento, esse controle e essa mudança do comportamento individual.

As redes sociais podem mudar até o significado de algumas relações, na opinião de Marta. "A pessoa entra no Orkut, no Facebook e adiciona um número grande de amigos. Que relação é essa? O que significa ter amigos permeados por esse suporte?", questiona.

Como exemplo dessas mudanças em nível social, Marta cita observações feitas em sua pesquisa de mestrado, concluída em 2006, na qual ela estudou as relações de poder vinculadas à instalação de câmeras de vigilância no Parque da Luz, em São Paulo. Os equipamentos, segundo a pesquisadora, determinaram quem seriam os frequentadores da praça a partir daquele momento. Na época, as prostitutas tiveram suas vestimentas e seu comportamento alterados no parque pela força dos equipamentos, pois seria muito complexo para o poder público interferir nisso. Assim como é complexo mexer na cracolândia, que estava ao lado. Diante da nova realidade, as prostitutas foram obrigadas a mudar, por exemplo, a abordagem de clientes, sob a alegação que estavam sendo vigiadas.

Marta observa que ao mesmo tempo em que o entorno do parque foi sendo reestruturado, houve a criação do Museu da Língua, além de uma série de incentivos fiscais para se instalar universidades, museus e casas de espetáculo como a Sala São Paulo. "Ocorreu toda uma mudança no entorno, que, com as câmeras e com a atuação do poder público e uma série de interesses privados, significou dizer: 'vamos fechar todo o entorno dali, e essa população de mendigos e viciados não circula mais aqui'. Mas simultaneamente foram fechados os albergues da região e não foram criadas alternativas para essa população. O acesso a esse espaço é para outro público, mais abastado, que vai consumir cultura, reforçando a ideia que cultura é uma coisa a ser consumida", acrescenta Marta. Ela explica que as câmeras se relacionam com o acesso de circulação de determinados grupos em detrimento de outros.

### Gastos exorbitantes

A biometria no documento único, projeto a ser concretizado pelo governo com a emissão de quase 190 milhões de novos documentos, também é um exemplo de mudança de comportamen-

to provocada pela tecnologia. Toda a tecnologia – que reunirá identidade, CIC e habilitação numa só carteira – entra no cotidiano das pessoas sem que seja uma opção, sem que haja controle. "E nem se pode dizer que é imposta, simplesmente entra em nosso cotidiano, sem qualquer questionamento. Será gasto um valor exorbitante", explica Marta.

Essas novas medidas, que são encaminhadas silenciosamente no Brasil neste momento, são motivos de mobilização social em países da Europa, onde a entrada dessas tecnologias assim como a de produtos transgênicos suscitou a realização de plebiscitos. No Brasil, não houve posicionamento da sociedade. "No Brasil isso acontece de forma passiva e acrítica", reforça.

### Controle ou permissão?

A ideia de que o ser humano vive um *big brother* ou é alvo de teoria da conspiração e é controlado pela tecnologia é descartada pela pesquisadora e por outros integrantes da rede. "Não existe um Estado ou poder centralizado tentando controlar. Pelo contrário, existe sim uma relação do Estado com o mercado, com grandes empresas, que movimentam muito dinheiro. As câmeras e a biometria fazem parte de uma indústria que está de olho na América Latina, na China e na Rússia, que são mercados em expansão. Isso difere do Japão, da Europa e da América do Norte. "Esses mercados estão saturados, já têm esses produtos instalados. O que eles estão fazendo hoje é a troca por tecnologias mais modernas", acrescenta.

Uma das principais justificativas para o consumo dessas tecnologias é a falta de segurança, mas Marta ressalta que existe mercado em lugares em que a violência não está em evidência, como no Canadá.

E falando em modernidade, isso é algo que se persegue historicamente na sociedade brasileira, segundo Marta. E a tecnologia representa justamente a ascensão à modernidade. Mas trata-se de um desenvolvimento irreal, na opinião da pesquisadora, pois implica uma corrida infinita em direção a tudo o que o mundo apresentar como moderno. "O mercado sempre vai apresentar um produto muito além daquilo que a pessoa possui", reforça.

### Serviço

Livro: *Vigilância e visibilidade: Espaço, tecnologia e identificação*  
Organizadores: Fernanda Bruno, Marta Kanashiro e Rodrigo Firmino (organizadores)  
Editora: Sulina e Ciber Cultura  
296 páginas